



O BARROCO COMO PONTO DE VIRADA DA OBRA DE FOUCAULT

CHRISTIAN INGO LENZ DUNKER¹

RESUMO: Focando nos artigos e aulas realizados por ocasião de sua estada em Tunis, examinamos a hipótese de que o contato com o Barroco, como dramaturgia e problemática estética, Foucault teria se encontrado com um conjunto de problemas e exigências epistemológicas que concorrem para a virada da perspectiva arqueológica para a genealógica. Catalizando temas como loucura, representação e verdade, introduzindo modificações na ideia de prática discursiva e um novo registro para a experiência do corpo e dos prazeres.

PALAVRAS-CHAVE: Loucura, Barroco, Verdade.

ABSTRACT: Focusing on the articles and lectures conducted by Foucault in his stay in Tunis, we examine the hypothesis that contact with the Baroque, as dramaturgy and aesthetic issue, would have led Foucault to encounter a set of epistemological problems and demands that contributed to the shift from the archaeological to the genealogical perspective. Catalyzing themes such as madness, representation, and truth, this encounter introduced modifications to the concept of discursive practice and a new register for the experience of the body and pleasures.

KEYWORDS: Madness, Baroque, Truth.

O roteiro de Foucault nos anos 1970 parecia claro. Pensar o poder, inicialmente a partir da disciplina psiquiátrica e da localização da criança histórico-perversa. Depois disso, seria preciso pensar a relação entre raça e população para chegar ao problema da vontade de saber e o dispositivo da confissão, permitindo entender a infraestrutura da governamentabilidade. O terceiro movimento consistiria em retornar ao problema da confissão, agora munido da teoria dos prazeres da antiguidade, a afrodisia, para chegar à possibilidade de dizer a verdade ao poder. Mas algo deu errado no plano de voo, e isso não decorreu do fato de que ele começou pelo meio, em 1975, com o primeiro volume da *História da Sexualidade: a vontade de saber*. Só um grande pensador consegue mudar de rota quando se vê diante de um verdadeiro achado, que contraria o sentido de sua pesquisa. Penso que este achado não nos remete ao fato de que até

¹ Psicanalista, professor titular do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), no departamento de Psicologia Clínica. Obteve o título de Livre Docente em Psicologia Clínica após realizar seu pós-doutorado na Manchester Metropolitan University. Doutor em Psicologia Experimental pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: chrisdunker@usp.br.

então Foucault ter estudado objetos como a loucura, a clínica, o criminoso ou o infame, ou as ciências humanas, que eram basicamente objetos falados pelos outros, mas que agora ele escolhia um objeto que consistia em fazer a genealogia daquilo que o sujeito fala por si mesmo e contra a escrita, ou seja, a sexualidade.

Até então o sujeito em Foucault é o termo a ser inferido genealogicamente ou deduzido arqueologicamente da relação entre linguagem e verdade, dos jogos entre poder e resistência, do corte entre estruturas etnológicas e acontecimento histórico. Até a guinada de 1975 o sujeito é o termo vago e indeterminado, a se esclarecer no decorrer da investigação, pelo uso metodológico de um conjunto de oposições que se colocam:

- (1) Entre oralidade e escrita²
- (2) Entre enunciado e enunciação³

É assim que se infere o sujeito platônico *contra a escrita* e o sujeito estoico, situado entre o *enunciado e a enunciação*. Mas a partir de um certo ponto na pesquisa sobre a confissão, mais precisamente, depois do primeiro volume sobre a *História da Sexualidade* e antes da redescoberta dos gregos em *Hermenêutica do Sujeito*, algo de novo se acrescentou a esta equação. Algo que introduziu a verdade como contingência performativa e resistência ao poder na relação a si, antes que essa se tornasse tecnologia e cultura de si. Mas o barroco não é só um movimento estético, mas uma forma de contraciência e de contrapoder. Desde então se poderia localizar duas outras oposições entre:

- (3) Entre narrativa e verdade⁴
- (4) Entre escrita e sujeito

Esta última oposição emerge no âmbito da análise do poder e da constituição do sujeito no universo helênico:

(...) [o] exercício, (...) [o] esforço, (...) [o] trabalho, (...) certo modo de relação laboriosa de si consigo. O que temos que decifrar nessa rejeição da escrita não é (...) a aparição de um logocentrismo, mas o advento de algo muito diferente. Trata-se do advento da filosofia, de uma filosofia cujo real mesmo seria a prática de si sobre si. Nessa rejeição simultânea e conjunta da escrita e do *logos* formula-se efetivamente alguma coisa assim como o sujeito ocidental (...). (Foucault, 2014, p. 263).

Isso significaria romper com a ideia de regimes de verdade e o kantismo residual de Foucault, que se concentra nas condições de produção da verdade. Contra isso vemos uma

² *Tribé e Logos*, no Platão da Carta VII. Cf. Foucault, 2014, aula de 23 de fevereiro de 1983.

³ Cf., Foucault, *Arqueologia do Saber*, 2005.

⁴ Afirma Foucault (2014, p. 231): “[Na Carta VII de Platão, a] escrita não é rejeitada porque ela esteja em contraposição com o *logos*. Pelo contrário, [a escrita] é rejeitada porque ela se situa do mesmo lado [que o *logos*] porque ela é, de seu jeito, uma forma (...) derivada e secundária do *logos*. (...) [Mas essa rejeição] se faz *em nome de algo positivo* (...) a *tribé* [roce]”.

expansão, cada vez maior, da potência transformativa da verdade, na medida que ela retorna à palavra oral, à enunciação e a narrativa. Com isso a verdade deixa de ser pensada exclusivamente a partir da necessidade de discurso e passa a incluir a contingência do dizer, expressa por exemplo, pela *parrhesia*, a fala franca e sincera, que depois, no chamado Volume IV da *História da Sexualidade*, dará origem à escrita de si e mais à frente explicará a conexão entre loucura e literatura. O momento foucaultiano de Lacan assumindo a pertinência da função de autoria (Foucault, 2006) se mostra assim complementar ao momento lacaniano de Foucault assumindo a verdade como estrutura de ficção.

A diferença entre o método arqueológico e a abordagem genealógica não é apenas uma inflexão dentro do estruturalismo, mas uma mutação na noção de causalidade. Ocorre que a noção de causalidade, imprescindível para uma teoria consistente da história, depende da função narrativa, sem a qual a história não pode se estabelecer como tal, mas com a qual ela se torna ciência suspeita e aproximativa. A causalidade não é determinação, mas redução metodológica da força performativa da escrita. Estruturas não descrevem causas, mas determinações que se remetem entre si até a ideia de uma causa ausente, como em Badiou e Althusser, ou a noção de Real em Lacan. A causalidade também não é uma noção estritamente lógica, ainda que se possa tentar reduzi-la ao argumento na forma “*se... então*”. Chegamos assim a uma espécie de abismo entre antropologia (etnologia) e história. Abismo no qual a psicanálise parece ter se instalado. Seu ponto de partida remonta a ideia de que sob determinadas condições a verdade pode ser dita. Pode e deve ser dita. Se Lacan afirmou que a psicanálise acusa a sobrevivência do sofista em nossa época, Foucault parece ter apontado que a loucura é a sobrevivência da verdade em nossa época.

Causalidade e estrutura, história e antropologia, acontecimento e estrutura, desdobram-se nas tarefas que acabam por definir a literatura, como campo discursivo. Em primeiro lugar temos a *crítica* que avalia os enunciados pertinentes e impertinentes, as invenções e repetições, o código e seus casos transformativos possíveis. Em segundo lugar temos a estética que aborda os juízos envolvidos na recepção e nas condições de produção da obra. Em terceiro lugar encontramos as leituras que explicitam as razões de produção de uma obra.

Em quarto lugar encontramos a materialidade do documento, a forma histórica do arquivo, os enunciados presos em sua forma de documento, ou o que Foucault chama de “estrutura deixológica e seus isomorfismos”. A loucura como *função social*⁵ se apresentaria

⁵ Cf. *Loucura e Civilização*. In: Foucault, Michel. *Loucura, Linguagem e Literatura* (2024).

assim como condição universal vazia, diante do qual a dimensão de acontecimento da verdade, a dimensão literária, trágica ou mítica, intercede como enunciado. Ora, a narrativa é a forma de reintroduzir a causalidade no interior do discurso. Inversamente, a loucura encontrar-se anexada a mais um capítulo das inclusões que caracterizam a modernidade: da doença, dos criminosos, dos loucos e por fim e ainda de modo precário e residual, as raças (Foucault, 2024, p. 34). Disso se depreende uma concepção foucaultiana do racismo como forma arcaica e regressiva de nosso programa moderno de inclusão cultural do Outro.

Vou argumentar que o ponto de virada, a partir do qual o estudo do *falar de si* conecta-se com *o dizer a verdade*, é o ponto no qual o estudo da confissão, no interior do programa foucaultiano, sai do controle e desgoverna-se a si mesmo. Este ponto já estava anunciado em uma pequena conferência feita em Túnis e seu pequeno texto circundante chamado “*Literatura e Loucura: a loucura no teatro barroco e no teatro de Artaud*” (Foucault, 2024).

Um ponto de inflexão antecipada, um ponto de retorno a força da verdade na sua conexão com a oralidade, a enunciação e a narrativa poderão ser encontradas no interesse de Foucault, mas também se poderia de dizer, de Lacan, tanto do ponto de vista temático quanto estilístico, é o barroco. Como capítulo histórico de uma certa contra modernidade, o barroco parece ser o caso da contra ciência do século XVII, a permanência do sujeito da espiritualidade, no momento exato de consolidação e de vitória do sujeito do conhecimento. O Barroco enfrenta o problema prático e objetivo de como criar uma linguagem que pudesse alcançar os povos sem escrita, cuja mensagem será recebida por um universo geográfico muito distante e completamente estranho do ponto de vista da enunciação. Ele representa o primeiro momento no qual as tecnologias de si são objeto de uma codificação especificamente destinada à implantação dos processos de colonização em escala global e de reconquista em escala europeia.

Seria um pouco inadequado e inteiramente insuficiente, em respeito ao escopo e complexidade dos problemas envolvidos em uma história da sexualidade, em termos de repressão do desejo. Nós temos que, ao contrário, começar com uma história das tecnologias de si, que aparecem para mim como um ponto de vista fecundo de inteligibilidade, começando por uma história das governamentalidades – governabilidade de si ou do outro – mostram o momento no qual o desejo foi isolado e exaltado e como ele formou, desde então, um tipo de relação com o self, que em si admite relações subterrâneas desde que ele é percebido como desenvolvido para ser organizado, para ser distribuído em um dispositivo que primeiro foi o da carne, e muito depois o da sexualidade. (Foucault, 2024, p. 293).

Ora, o teatro Barroco mantém e reformula a loucura como sujeito da experiência trágica, sem transformá-la imediatamente em objeto de uma consciência crítica. Exemplo de

como Foucault desloca a verdade, de um acontecimento intradiscursivo, para a verdade como um choque interdiscursivo. O Barroco seria este capítulo histórico de tomada de consciência primária da diversidade antropológica. O esforço por constituir uma linguagem para além das línguas e seus enunciados, em contexto de contrarreforma religiosa e de colonização expansiva de um novo mundo. O ponto de montagem desta estrutura, exaustivamente trabalhada pela psicanálise entre a criança, o primitivo e a loucura. Vejamos como isso aparece na conferência sobre o teatro Barroco. Afirma Foucault (2024, p. 84): “Não há sociedade sem loucura”, mas “a loucura não é uma variedade do crime”, “mesmo que não exista loucura sem delírio” (Foucault, 2024, p. 88). Até o século XVI, “o louco tinha a incumbência (no teatro, ou na mitologia popular) de dizer a verdade. Agora, já que é doente, o louco é objeto de um conhecimento verdadeiro (a medicina), esse verdadeiro objeto permite conhecer a verdade sobre os ser humano. Ele detém a verdade, mas como objeto” (Foucault, 2024, p.47).

Os loucos são parecidos com os doentes, mas também são reconhecidos como indivíduos diferentes, como os desviantes sexuais e familiares. Ora eles se aparentam com personagens sagrados, portadores de uma verdade imemorial, ora recusam-se a serem reconhecido pela designação social da loucura, suportando o peso da diferença, da identidade e do limite não assimilável.

A verdade barroca será um ponto de aproximação e diferença entre Lacan e Foucault, como se pode observar pela análise que cada um deles empreendeu sobre *As Meninas* de Velásquez. Retomando as teses de *História da Loucura* e de *Os Anormais*, percebemos que apesar das inúmeras alusões iconográficas, Foucault interpreta o fenômeno do encarceramento e a formação do sistema asilar, como um capítulo da laicização do pensamento judiciário em sua deriva de separação em relação à moralidade cristã. Isso deixou de lado o papel decisivo do Barroco como estética privilegiada da loucura moderna. Assim se poderia dizer que de Goya a Münch, passando pela romantização e psicologização do século XIX, preserva-se a antiga figura da loucura como sujeito de uma experiência trágica. O regime de verdade do barroco só poderia ganhar relevância após os estudos sobre a antiguidade clássica e a recuperação de linhas alternativas de leitura para a arte erótica, o cuidado de si, a confissão e a escrita de si, trabalho que só se poderá perceber na fase final da obra de Foucault onde se prenuncia justamente a importância da estética da existência. Mas bem antes disso já se enuncia pela voz do louco barroco quatro traços fundamentais da crítica terminal foucaultiana:

- (1) *O espelho*, a *duplicidade* ou a *imitação*, ou seja, a verdade precisa da estrutura de ficção, da metáfora ou da hipótese ou do “como se” para poder ser enunciada. Essa

será a tese de Lacan ao afirmar que a loucura é uma condição etológica do imaginário humano. A loucura barroca introduz o tema do jogo de máscaras⁶, o “teatro dentro do teatro” (Foucault, 2024, p. 94). “A loucura é o espelho da literatura. Ficamos loucos porque nos olhamos no espelho, e nos vemos a nós mesmos como o diabo (Dostoiévski). O louco perdeu sua própria imagem (Maupassant). O louco se duplicou ou dividiu (Jeckil and Hide). A “loucura barroca está a meio termo entre a paixão cristã e a paixão trágica” (Foucault, 2024, p. 91). O “disfarce que confunde as identidades, as idades e os sexos” (Foucault, 2024, p. 94). A “forma vazia da festa é a própria estrutura da loucura” (Foucault, 2024, p. 95). De certa maneira é por isso que a primeira forma de loucura moderna será a mania de Pinnel.

- (2) *A diferença*, ou seja, a loucura e o sonho estabelecem uma diferença interna que estabelece uma diferença específica no interior da desrazão. Por isso quem resiste a própria loucura é imediatamente reconhecido como louco. A violência irreal do discurso: sonho, ameaça, narrativa e lembrança. A loucura é a verdade do homem (Erasmus Roterdã), a literatura da literatura (Cervantes) a imitação universal (Sobrinho Rameau).
- (3) *O limite*, antes do qual ou depois do qual a loucura emerge como verdade relativa a um Outro domínio. Em Lacan, a tese de que “a verdade não cabe toda na formulação do mito”. É por isso que a loucura barroca é transgressão deste limite. Por isso a loucura barroca introduz o mundo da morte ou da quase morte. A loucura como encontro impossível e é o lugar deste fragmento de realidade que precisa ser excluído para que o universo da razão, da ordem e da coerência encontre sua unidade e permanência.
- (4) *A identidade*, aqui “a verdade aciona o mecanismo trágico” (Foucault, 2024, p. 91) pelo qual emerge um mundo fantástico de erros, ilusões e confusões. No interior deste sistema de indeterminações encontramos a ideia de que o “louco se acredita morto”⁷, mas também a proposição lacaniana de que o louco “é aquele que acredita que é aquele que é”. A identidade não é definida pela igualdade a si, mas como

⁶ Nas palavras de Foucault (2024, p. 93): “o anúncio final da verdade como reflexo invertido dessa proliferação mascarada da loucura barroca”.

⁷ Exemplifica Foucault (2024, p. 92): “Anrômaca, Mitriades, Fedra, Atália”.

regime de diferença administrada. “A loucura sábia mostra a teatralidade do teatro, o espaço fictício que reflete a própria imagem dele” (Foucault, 2024, p. 104). “Há literaturas sem amor, sem trabalho, sem guerra, sem miséria, mas não há literatura sem loucura” (Foucault, 2024, p. 85).

A loucura barroca não é representada desde fora, mas vivida dentro de dentro. “aquilo que faz corpo com o pensamento mais originário” (Foucault, 2024, p. 98). É a recuperação do teatro barroco pelo teatro do vazio de Artaud. A ausência, erosão, o vazio, o deserto interior retomam a voz da loucura. A “confusão, a desnaturação de todos os valores humanos.” “É como se o teatro Barroco e o teatro de Artaud fossem duas figuras simétricas e invertidas de cada lado de uma linha enigmática de um espelho imperceptível” (Foucault, 2024, p. 101).

Daí as quatro estratégias homólogas as do barroco:

- (1) A restituição da fala à voz e da voz ao corpo por meio do teatro da crueldade.
- (2) Nada no palco deve ser algo diferente do que é.
- (3) Substituir o espaço teatral tradicional, por uma estrutura inversa, um espaço impiedosamente real. O espectador vai ao teatro como vai ao dentista ou cirurgião (Foucault, 2024, p. 99).
- (4) “Não é um vazio a preencher e sim a se reabrir sempre” (Foucault, 2024, p. 100).

Para entender o lugar histórico discursivo do teatro barroco é preciso recorrer ao esquema de Foucault sobre a literatura, ou seja, tudo começa pela ficção, e desta caminhamos para a fábula e daí para a léxis da obra, que é ao mesmo tempo informada pelas léxis da obra, ou sua realidade diegética suposta. Ora, a léxis e a suposição do elemento extralinguístico do discurso ou da literatura. Disso extrai-se a diferença entre a linguagem não literária e o teatro de um lado e a narrativa (epopeia ou romance do outro)⁸. Há léxis porque o sujeito está sempre presente de modo constante, sob forma de afirmações pessoais, seja pela neutralidade de um autor nomeado ou anônimo. A oscilação entre ficção e léxis determina a poesia (onde ambas estão presentes), a narrativa (onde a ficção predomina sobre a *lexis*) e o teatro (onde a *lexis* predomina sobre a ficção), até chegar à linguagem não literária (onde ficção e léxis estão ausentes).

⁸ Cf. O extralinguístico e a literatura. In: *Loucura, Linguagem e Literatura* (2024).

Ponderando os elementos expostos, e como consequência indireta de nosso argumento, podemos contrastar duas posições de Foucault acerca da psicanálise e particularmente de Lacan, este barroco fora de época. Primeiro sobre a centralidade sexual-edipiana da verdade:

A psicanálise é uma de suas peças mais centrais e mais sofisticadas: sob o pretexto de dar à sexualidade, enfim, a palavra, não faz senão reintroduzi-la em um jogo de verdade onde ela acaba sendo não apenas interpretada, mas também reclamada, extraída e colocada sob controle. (Foucault, 2014, p. 101-102).

Depois sobre a verdade, como experiência oral no interior do cuidado de si:

(...) todo o interesse e a força das análises de Lacan estão precisamente nisso: creio que Lacan foi o único depois de Freud a querer recentralizar a questão da psicanálise precisamente nesta questão das relações entre sujeito e verdade. (...) ele tentou colocar a questão que, historicamente, é propriamente espiritual: a questão do preço que o sujeito tem que pagar para dizer o verdadeiro e a questão do efeito que tem sobre o sujeito o fato de que ele disse, de que pode dizer e disse, a verdade sobre si próprio. (Foucault, 2006, p. 40).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- FOUCAULT, M. *Loucura, Linguagem e Literatura*. São Paulo: Ubu Editora, 2024.
- FOUCAULT, M. (1975) *História da sexualidade: a vontade de saber*. vol. 1. Rio de Janeiro: Graal, 2014.
- FOUCAULT, M. (1968) *Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- FOUCAULT, M. (1983-1984) *A Coragem da Verdade*. O Governo de Si e dos Outros II. Martins Fontes, São Paulo, 2011.
- FOUCAULT, Michel (1982-1983) *O Governo de si e dos Outros*. São Paulo. Martins Fontes, 2014.
- FOUCAULT, Michel. (1985) *Hermenêutica do Sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FOUCAULT, Michel. (1966) O que é um autor? In: *Ditos e Escritos*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.